

Correspondência heróica.

Caro amigo,

Uz, 14/10/1997

grato por sua carta de 23/5/1752. Peço-lhe de não interpretar minha demora de mais de dois séculos como sinal de falta de amizade. Você está sempre perto dos meus pensamentos. É verdade que andei muito ocupado ultimamente. Na época da sua carta os racionalistas "desmitificadores" me obrigaram a rever certas das minhas posições, e, mal tinha eu conseguido isto, são agora os propagadores do "absurdo" que me provocam. Mas não é esta a razão do meu silêncio prolongado. Você está propondo idéias, em sua carta, que merecem ser ruminadas demoradamente. Como de costume, você tem um jeito de colocar os problemas que me é estranho. Será isto devido à sua "mentalidade grega", se você me permitir tal anacronismo? Sobretudo o seu conceito de "simetria" do universo me causa dificuldades. Você sabe que minha visão do mundo é mais unitária que a sua. (Você a chamaria provavelmente de "holismo".) É que creio em unicidade fundadora do universo, a qual proponho seja expressa pela fórmula "JHVH", e a qual você pode traduzir por "proton", se você achar isto conveniente.

Veja se compreendi bem seu argumento: Quando se trata de analisar nosso estar-no-mundo, trata-se de localizar-nos em uma das quatro regiões da realidade. A primeira seria a do tempo-espaco, A segunda a do sem-tempo e sem-espaco. A terceira a do espaco sem tempo. E a quarta a do tempo sem espaco. A primeira você chama "história", povoada de existências definíveis por datas e lugares. Exemplos: Napoleon, Kafka. A segunda você chama "teoria", povoada de existências que estão presentes em todo lugar e sempre. Exemplos: as proposições " $2-1=1$ ", e " $a=a$ ". A terceira você chama "mito", povoada de existências definíveis por lugares, mas que são intemporais. Exemplos: você e eu, já que você é definido pelo Cáucaso, e eu pelo leste da Terra prometida, mas ambos estamos sempre presentes. Quanto à quarta região, você afirma ser ela despovoada. Óra, por o que você chama "a lei da simetria", isto não é justo. Somos seres aleijados, por habitarmos universo ao qual falta uma das regiões que "deve ter", e por nos faltar, a nós, uma dimensão que "deveríamos ter", a dimensão do tempo. Compreendi bem seu argumento, caro amigo?

Reconheço você em tal visão crítica das coisas. Você tem sempre sido rebelde, engajado, homem da esquerda. Jamais você teve minha paciência de aceitar as coisas como são, em sua estupidez concreta. Suspeito que o que você pretende é mudar o mundo e mudar-nos. Em bom pequeno demiurgo que você é, você gostaria povoar essa sua "quarta região" com seres temporais e extra-espaciais, afim de restabelecer a simetria do mundo. E quanto a nós, você parece sugerir que temos duas alternativas. Podemos adquirir dimensão temporal, e passar a ser existências históricas, em vez de sermos "meramente" mitos. Ou podemos liberar-nos da nossa dimensão espacial, e passar a ser teorias, "modelos". Em todo caso, não devemos aceitar a nossa condição dada, e emancipar-nos para baixo, história a dentro, ou para cima, teoria a dentro. Sermos mitos, existências aleijadas, nos permitiria precisamente tal escolha existencial, tal "liberdade".

Não pretendo discutir com você os prós e os contras desses projetos revolucionários seus. Você sabe que sou mais inclinado para o conservadorismo. Mas o que pretendo nesta carta, é pôr em questão sua análise do mundo, e da nossa situação nele, e, destarte, questionar seu conceito da simetria.

Começarei por nós mesmos. Você tem razão, somos intemporais, você no seu Cáucaso, eu nos meus pastos. Estamos sempre lá, acorrentados aos nossos lugares. Você por cadeias de ferro, eu pelas cadeias da literatura sagrada. Mas tal "eternidade" nossa é altamente problemática, não é verdadeira intemporalidade. Não é que tenhamos existido desde sempre: aparecemos. Por certo: não em determinado momento, mas "in illo tempore", ~~que é~~ ~~em~~ momento não obstante. E não é que sejamos imortais: estamos morrendo constantemente. E isto, como você bem sabe, não é a mesma coisa. Acresce que os lugares aos quais estamos acorrentados são lugares marginais, "situações de limite". Por isto eu não passo de judeu marginal, e você, com sua permissão, de grego marginal: eu sou "proto-judeu" e você "proto-grego". Mas esse defeito nosso faz precisamente com que sejamos heróis do Ocidente.

E há mais isto: Você tem razão, não somos históricos, e, acrescento eu, não somos historicizáveis. Mas isto não nos impede termos biografias. Você tem feito coisas no seu tempo e com o seu tempo. Por exemplo? você roubou o fogo, para só mencionar uma única dessas coisas. Quanto a mim, confesso que não fiz grande coisa. Mas sofri um bocado. Esta é a diferença entre nós dois: que você tenha sofrido e esteja sofrendo por causa dos seus feitos, e que eu tenha sofrido e esteja sofrendo por causa dos meus não-feitos. Por isto seu problema é o da justiça, e o meu o da injustiça. Mas tal diferença não nos separa: aproxima-nos um do outro, (você diria simetricamente). De maneira que creio que sua definição do mito está enganada: não é que nos falte a dimensão temporal, mas é que o nosso tempo gira.

Quanto à região "vasia", a do tempo sem espaço, que você estipula, quero dizer duas coisas: (1) Não creio que haja infra-estrutura lógico-matemática que sustente as coisas. Não creio em "mathesis universalis". Penso, ao contrário, que as coisas são como são, absurdamente dadas, e que toda tentativa de "explicá-las" logicamente leva a abstrações igualmente absurdas. De maneira que se tal região por você estipulada fosse efetivamente vasia, estaria disposto, de bom grado, a aceitar tal assimetria absurda do mundo. (2) Acredito, no entanto, que tal região do tempo sem espaço está efetivamente ocupada, a saber pelo Eterno, (louvado seja Seu nome). Embora poupada de uma maneira que você não admite. Do seu ponto de vista, quando digo "Eterno", estou dizendo "o nada", ou não estou dizendo nada. De maneira que não vou insistir neste ponto. Porque concordo com você que a existência do Eterno não resolve seu problema da simetria: o mundo continua assimétrico, absurdo, a despeito disto.

No entanto, quero submeter a você o seguinte pensamento: admitamos que você consiga povoar tal região temporal sem espaço com seres de sua imaginação criativa. Com "espíritos do tempo". (Sugiro que tais seres já existem, exemplos: barroco, romantismo.) O que você teria conseguido? Transformar-nos de mitos em tais seres seus. Em vez de "Jó" e "Prometeu", seríamos "épocas de Jó e Prometeu". Não, caro amigo, sua simetrização do mundo nos aniquilaria.

Não me leve a mal se estou argumentando contra suas idéias. Corresponder com você é para mim um dos poucos prazeres que me restam. Ao escrever-lhe, esqueço até a minha lepra. Espero, de todo coração, que esta carta vai te permitir a suportar melhor as dores de fígado das quais você está sofrendo. Não será característico da nossa idade queicharmo-nos constantemente das nossas doenças?

Cordiais abraços.